



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HOMOSSEXUALIDADES NA ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE EXPRESSÕES

João Batista Figueredo de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Jb.figueredo@hotmail.com

Resumo: Este trabalho trata-se de uma reflexão sobre a presença de pessoas homossexuais na escola e de como o espaço escolar possibilita ou não expressões para esses estudantes. Trata-se de uma abordagem teórica e de observações gerais realizadas nos meus Estágios Supervisionados de Formação de Professores - no curso de Ciências Sociais. Sigo na linha de pensamento de Paulo Freire - de uma educação pautada na dialogação - buscando analisar a possibilidade que o intervalo, entre as aulas, propicia para socialização e contato maior com a diversidade cultural, sexual e étnica, produzindo tensões e alteridades, fazendo, assim, com que a escola seja um ambiente de pluralidades e que, como tal, pode ser utilizada de forma conceitual para uma reflexão ética acerca da diferença e do respeito. Este artigo trabalha a noção de homossexualidades, observando como essas realidades sexuais/afetivas são vivenciadas no espaço escolar. Questiona se existem, para pessoas homossexuais, possibilidades de afirmarem-se nesse espaço, por outro lado, atenta se há uma relegação ao silêncio, bem como, as violências simbólicas que sofrem pelas ações preconceituosas em geral. Ver, a partir disso, como estudantes homossexuais podem desenvolver inventividades para movimentarem-se na escola e driblarem as adversidades, em ações de afirmações e resistências.

Palavras-chave: homossexualidades, pluralidade, expressão.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Introdução

Quando adentramos na escola precisamos estar atentos a sua complexidade e pluralidade, é preciso, a partir daí, saber como devemos agir e em que podemos colaborar. Faz-se, dessa forma, necessária uma reflexão ética e teórica que colabore para um trabalho que inclua e favoreça a todos os estudantes no contexto escolar, e que gere bem estar e desnaturalize questões preconceituosas e de opressão - de forma geral.

Pensemos como Paulo Freire - para compreendermos que são possíveis as mudanças na implantação de um sistema de dialogação/comunicação de todos (FREIRE, 1967), pela emancipação da fala. Essa perspectiva, paulofreiriana, na verdade se resume a possibilidade de se ter voz no campo social, sair da invisibilidade e do silêncio. Podendo ser observada na escola, olhando atentamente as relações dos professores e alunos em sala de aula e da comunidade escolar em geral (discentes) nas horas de intervalos entre as aulas; será que existe espaço para fala dos estudantes? Quando esses falam, será que, são compreendidos em sua pluralidade (étnica, sexual, estilística etc.)? Os estudantes homossexuais podem viver suas expressões sexuais/afetivas livremente nesses contextos?

Não podemos esquecer que nossa segregação acadêmica do que é tido como senso comum, para exaltação do que é verdade científica, serve em muito para calar os alunos em sala de aula; é preciso ultrapassar a segregação que coloca os alunos no lugar dos porta-vozes do senso comum e o professor como dominador da ciência. Para que isso ocorra não há mágica e sim mudança na lógica que rege as relações de ensino, sair da postura de mestre e passar a postura de mediador, talvez não seja o mais agradável para muitos professores acostumados com seus métodos.

A ideia/ação de transmitir conhecimento reproduz lógicas de poder e perpetua relações *epistemicidas*; mas, certamente a função do professor em possibilitar uma construção de conhecimento e, sobretudo, de respeito aos conhecimentos e culturas de cada estudante, não será menos importante, ao contrário, sua presença e liderança permanecerão em sala de aula, porém com uma nova forma de conceber a aula, entendendo os conteúdos como motivadores para uma *emancipação política e social* (FREIRE, 1999).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

É importante observar, também, como a *dialogação* ocorre na relação entre funcionários da escola, se os professores conseguem dialogar entre si, se a direção é sensível aos funcionários de modo geral e aos anseios e problemas dos estudantes, resultando em uma melhor compreensão da - complexidade do microcosmo escola - e de sua pluralidade cultural.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão sobre a presença de pessoas homossexuais na escola e de como o espaço escolar possibilita ou não expressões para esses estudantes, pensando a dialogação/comunicação como fator importante para trabalhar-se uma ética do respeito e diversidade.

Metodologia

As questões complexas das escolas suscitam em nós um olhar reflexivo e etnográfico, exercitando uma compreensão/alteridade que possibilitem a noção de que ações inventivas e emancipatórias podem resultar em bons quadros nessas realidades, isso sempre tendo como direção à diversidade que se faz presente nelas.

Este trabalho resulta de - observações etnográficas - realizadas nas escolas onde vivenciei o Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e o Estágio Docente - com intuito de pensar e trabalhar atividades de ensino e aprendizagem - pautadas na diversidade¹.

Vivemos em um mundo compartimentando, uma sociedade *segmentarizada*, por todos os lados temos segmentos (DELEUZE&GUATTARI, 1995). Não podemos “encaixotar” os alunos em definições precisas quanto a uma única cultura familiar, tendo em vista que a cultura é plural, mutável e *multiplicidade*; primeiro, devemos entender que a vida de um aluno segue uma subjetividade muito particular e que não está parada, mas em trânsito - se *desterritorializando* para se *reterritorializar*, como afirmam Deleuze&Guattari. O professor deve entender que os alunos mudam, e mudam suas posturas, seu interesse por determinados assuntos e suas perspectivas políticas. Portanto, as variações vão muito além de entender que existe uma pluralidade de orientação sexual, de formatação de gênero, de condição social, de

¹ A prática de um olhar etnográfico tem sido uma experimentação possível nos meus contatos com a realidade escola (pública), começando no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2012 – 2013, na Escola Estadual Professor Anísio Teixeira (Natal/RN) e posteriormente na vivência dos Estágios da Licenciatura em Ciências Sociais - UFRN, realizadas na Escola Estadual Presidente Roosevelt, presente na cidade de Parnamirim – RN.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cor de pele etc., o aluno em seu mundo particular - também é plural/complexo - e é um ser/estar em constante movimento.

Atentar as dimensões do mundo sociocultural exige reflexão e um olhar de alteridade, e entender os “compartimentos” na subjetividade de um jovem (adolescente) exige bastante proximidade e sensibilidade. Aqui temos dois problemas, o primeiro é que o professor não quer sair (em muitos casos) de sua zona de conforto que se faz na linha que separa ele dos alunos, posicionando-o no patamar da frente da sala de aula, e segundo, falta tempo, na lógica educacional vigente, não permitindo muito avanço. Não há tempo de compreender os movimentos particulares de uma comunidade escolar de centenas de componentes e turmas com mais de 40 alunos. Então como compreender os fluxos semióticos dos alunos? Como entender seus anseios e assim respeitar sua pluralidade cultural? E por fim, como produzir diálogo quando não se sabe como motivar cada ator social que compõe a sala de aula? Não temos uma resposta! A escola é experimentação, então vamos buscar por meio da atenção/reflexão ética compreender como se produz uma sala de aula onde os estudantes gostam de falar e são respeitados em sua diversidade.

Pensamos que, Por faltar tempo para compreender-se cada indivíduo em sua pluralidade (o que seria o ideal), alguns assuntos gerais que atingem a todos podem ser impulsionadores de partilhas e de conversas, contemplando o tema da diversidade (sexual) em sala de aula. E quando se trata dos docentes e da administração da escola, questões particulares podem ser planejadas e negociadas coletivamente, para que mesmo que alguém saia em desvantagem em relação a outros, nas decisões, ele sinta-se parte do processo, entenda que as decisões devem prezar pelo bom trabalho e pela aprendizagem dos estudantes e docentes, evitando ao máximo relações de opressões.

Ao entrarmos na escola (no meu caso nos Estágios supervisionados de formação de Professores realizados na Escola Estadual Presidente Roosevelt) podemos exercitar um pouco desta escuta, que não se faz só com os tímpanos dos ouvidos, mas com micro ouvidos espalhados por todo nosso corpo (Cf. ROLNIK, 2006). É ali que, de forma intensa, ocorre uma vida em comunidade, diferente da comunidade família; por mais que encontremos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

múltiplos problemas na escola, há algo inegável e, ao meu observar, muito positivo: cada aluno é confrontado com diferenças culturais que não é possível acontecer no lar, e fortemente há um mergulho na diversidade sexual.

Pensando com Paulo Freire, podemos buscar sua compreensão do que aconteceu com o Brasil, historicamente, por sermos uma colônia de Portugal; como fomos educados a sermos comunicados, nossa educação, ainda recente, em sua abertura para as classes menos favorecidas (de capital financeiro), é reflexo de um processo doloroso de libertação do sistema colonial aqui implantado, isso não deve nos lançar na paralisia, a compreensão de Freire não era cômoda, antes era uma “catapulta” que lança nosso desejo a pensar além, a querer melhorar, a buscar um mundo onde os comunicados passam a comunicar-se (FREIRE, 1999). Refletir sobre isso em relação às homossexualidades é pensar um espaço escolar onde essas pessoas possam manifestar sua orientação sexual, pois comunicar-se vai para além do falar, é ter espaço de expressão e inventividade - sem medo de agressão - seja por parte de docentes, dos administradores da escola, funcionários em geral ou dos alunos.

Por isso, quando pensamos na escola como um meio de dialogação, onde saberes são respeitados e outros construídos coletivamente, não podemos ser insensíveis aos textos que são lidos fora da sala de aula, são linhas como citamos antes, de pluralidade e complexidade, são confrontos e diálogos com o diferente. Portanto, o espaço que se coloca entre a família e a sala de aula é o intervalo - que chamamos de recreio, ele é mais do que mera descontração e “zoação” dos alunos, são espaços onde existem imposições de mensagens, mas também se esboçam diálogos e assim textos são produzidos, talvez a sala de aula devesse ser o laboratório onde esses textos poderiam ser refletidos de forma delicada e embasada, vez por outra em perspectivas científicas.

Resultados

No caso da minha atuação na escola, como estudante de Ciências Sociais, através dos Estágios, principalmente no Estágio II realizado no segundo semestre de 2014, onde vivenciei uma intervenção com o título “Diversidade na escola”, sendo possível ouvir e trabalhar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

questões significativas do contexto jovem e escola: beijo gay e seus impactos aos olhares heterossexuais; casamento gay e as ideias erradas divulgadas nas mídias sociais, exemplo, a imposição de realização do casamento gay por igrejas; cantadas de homossexuais dirigidas a rapazes heterossexuais. Essas três questões foram as mais significativas, primeiro por se tratar de questões que circulam fortemente na sociedade e segundo por ser possível realizar em cima delas uma reflexão simples, mas que ajudou a esclarecer as ideias da turma participante da intervenção.

A turma em si trouxe elementos importantes para pensar as questões (as três, particularmente) levantadas por colegas. O diálogo seguiu na linha de direitos que as pessoas homossexuais têm de expressarem-se socialmente, assim como qualquer outra pessoa humana; alguém que cumpre com seus deveres sociais deve viver sua afetividade sem correrem o risco de agressão física ou simbólica e que o Estado deve assegurar o direito da diversidade social presente em seu território.

As teorias das Ciências Sociais foram norteadoras na reflexão feita na intervenção e são importantes na compreensão de temas relacionados como: convenção identitárias, técnicas corporais, cultura etc.

Discussão

As análises que a sociologia e antropologia apresentam das Convenções identitárias se constituem um forte instrumento para compreensão da pluralidade humana e de como opera a cultura. Saber como são “tecidas” estas realidades e como se constrói as noções que se carrega de si, é um caminho que as ciências humanas sempre tentaram elucidar.

Tratar das convenções identitárias LGBTTI² é tratar de pluralidade cultural, pois elas além de representarem lutas políticas por direitos e espaços de expressões, são construções históricas e culturais que vão variando no tempo e espaço; são formas diversas de viver as experiências, não há, por exemplo, uma só forma de homossexualidade, quando se diz respeito a espaço e tempo, mesmo em um mesmo grupo (como na escola) podem compreender-se as várias homossexualidades. É a partir daí que se pode entender como é

² LGBTTI = Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexuais.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

amplo o estudo da pluralidade cultural humana. É também objetivo desta reflexão observar as várias formas de se viver como homossexual na realidade escolar e fazer esta análise teórica que possa pensar conceitualmente as homossexualidades.

Pensamos, sobretudo, na cultura como realidade que constrói as subjetividades, *rostidades múltiplas* (DELEUZE&GUATTARI, 1997), tendo em vista a hipótese, de que se a cultura não é algo estático, a subjetividade como reflexo da cultura também esta sempre se modelando e possibilitando as múltiplas expressões de sexualidades. Mostrando, assim, como uma sexualidade se processa, não de forma inata, mas a partir, das conexões culturais, e que esta dialoga com o corpo - no tocante ao uso desse aparelho biológico - a partir dos significados e ressignificados que se faz dele, graças a sua elasticidade (BERGER E LUCKMAN, 1976).

Mas, como compreender as sexualidades e como são formadas? Existiria sexualidade ou gênero inatos no ser humano? A partir destes questionamentos, surgiu à necessidade de buscarmos uma noção de como se processa estas realidades através da cultura do processo de endoculturação, como diz Laraia, e não de forma natural.

Resumindo o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (LARAIA, 2009, p. 19)

O processo de endoculturação é o que forma as “vestimentas” dos sujeitos, seja o gênero (a que Laraia se refere), a condição sexual, ou, das várias outras dimensões humanas. Isso que Laraia nos apresenta ajuda a desconstruir a ideia do determinismo biológico no “comportamento” humano. Assim podemos entender que as várias homossexualidades não são frutos de vários hormônios: um que formata o gay masculinizado, um para o gay feminino, outro para o gay andrógino; mas, que essas e tantas outras formas de homossexualidades são formatadas pelas possibilidades culturais no processo de subjetivação da realidade, que Berger e Luckman trazem em *A construção Social da Realidade*, sendo assim a endoculturação que Roque Laraia apresenta acontece neste processo de subjetivação



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da realidade que teria dois momentos a socialização primária e a secundária (BERGER E LUCKMAN, 2004), sendo assim a causa das tantas diversidades humanas.

Os comportamentos tidos como desviantes (a partir de uma norma hegemônica – heteronormatividade) é possível pelo dinamismo da cultura, pois se por um lado a cultura apresenta várias formas de manutenção da ordem, por outro, sua pluralidade, profundidade e ambiguidade, permitem as fissuras que levam as transformações da realidade social.

Lévi-Strauss em sua Introdução à Obra de Marcel Mauss mostra como o homem faz uso do corpo de acordo com sua perspectiva cultural, abordando sobre as diversas possibilidades do corpo (MAUSS, 2003). Sendo assim, não é o homem escravo do seu corpo e sim o corpo objeto de modelagem do homem, essa abordagem nos favorece na compreensão de como é possível romper com a ideia de que o “sexo biológico” define o gênero e a orientação, para assim entendermos as tantas possibilidades que a cultura permite. Se a heteronormatividade faz parte da cultura, a cultura também tem em sua multiplicidade as possibilidades do caminho da fratura, do rompimento e do desvio desta política imposta aos corpos.

Essa noção do uso do corpo se faz necessária nesta reflexão por tratar de pessoas que usam seus corpos de forma subversiva, reinventando-os e ressignificando-os. Mesmo quando a norma³ é a de se submeter ao determinismo do pênis que define alguém como homem e da vagina que define como mulher e que diz que este pênis e esta vagina são feitos um para encaixar no outro e fora disso tudo é anormal e sofrerá imediatamente castigos sociais, é o que Berenice Bento aponta como *heteroterrorismo*.

As reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. (BENTO, 2011, p. 552)

³ Trata-se da norma Cisgênero - que determina o gênero de uma pessoa a partir do órgão genital – logo, pênis = masculino e vagina = feminino.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A ideia de sexualidades socialmente construídas, em si, questiona a noção de essência humana e ajuda a *desconstruir* os elementos do preconceito direcionados as pessoas homossexuais (FONSECA, 1998) - no âmbito da escola (no caso desta reflexão) e na sociedade de forma geral. Ajuda a compreender a pluralidade dos seres humanos. Mauss nos traz a análise de culturas diferentes que nos ajuda a entendermos que a noção de pessoa é construída, pois ela difere de uma sociedade para outra, nos dando indícios de que não existe uma essência humana, assim voltemos a Laraia para compreender que quando nascemos somos uma caixa vazia, que só pela endoculturação chegamos a seres humanos pertencentes à sociedade, a partir daí, chegamos à ideia de que temos uma condição humana, mas não uma natureza humana, como diz a Hannah:

Além disto, nada nos autoriza a presumir que o homem tenha uma natureza ou essência no mesmo sentido em que as outras coisas as tem. Em outras palavras, se temos uma natureza ou essência, então certamente só um deus pode conhece-la e defini-la; e a condição prévia é que ele possa de um <<quem>> como se fosse um <<quê>>. (ARENDETT, 1991, p. 18)

A condição humana nos permite a criação contínua através da vida em sociedade e em conexões, sendo assim, o homem se produz e dar significados a sua vida através de simbolismos e ações. A inexistência de uma natureza humana determinante, de uma identidade inata, são os pontos importantes na compreensão das homossexualidades na escola e de suas estratégias inventivas.

Conclusão

Em algumas escolas existe uma preocupação, por parte dos administradores, de obter uma melhor organização, não deixar os alunos ociosos. Esse melhoramento quando ocorre deve-se ao planejamento e a ação efetiva das coordenadoras pedagógicas que estão não só observando as salas sem aulas e fazendo remanejamentos, mas atendem constantemente os estudantes que tem dúvidas sobre alguma coisa em particular; essa abertura e organização deve se dirigir para o campo das sexualidades, não só para uma educação que previna doenças



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e gravidez precoce, mas, sobretudo, que trabalhe uma sexualidade em paralelo com afetividade e, dessa forma, reflitam o respeito à diversidade sexual e humana, buscando embasamento teórico/reflexivo para desconstruir preconceitos.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*, Forense Universitária, 1991
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN Thomas - *A construção Social da Realidade*, Ed. Vozes 1976, 4ª edição - Rio de Janeiro.
- BENTO, Berenice. *A Escola se aprende que a diferença faz a diferença*. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.1; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Ed. 34, 2011.
- _____ *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol.4; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Ed. 34, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro. 1967
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educacional*, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro. 1999
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso - Pesquisa etnográfica e educação. 10 Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 1999 Nº 10
- LARAIA, Roque de Barros, *Cultura um conceito antropológico – 14ª ed.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1986
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**